

ANÁLISE DE UM POEMA DE JAYRO LUNA: “Poema Top Secret Para Julien Assange”

Prof. Michele Senerchia Neto - FAFICIL

1. O Contexto do Poema

O poeta e professor universitário Jayro Luna tem uma produção poética considerável e que abrange vários aspectos da poesia contemporânea, num processo metapoético constante, e ao mesmo tempo, configurador de discussões acerca das relações entre a poesia e modernidade, ou melhor, a pós-modernidade neobarroca.

Aqui me deterei especificamente num poema de sua lavra recente, ainda não publicado em livro, mas disponível na internet no site Usina de Letras (www.usinadeletras.com.br). O poema se intitula – como consta no título deste breve artigo – “Poema Top Secret Para Julien Assange”. O tema por si só já coloca uma das preocupações do poeta que a discussão, por meio da criação poética, dos aspectos do mundo contemporâneo e da vida hodierna nos seus elementos mais polêmicos e mais definidores da situação cultural, artística e política.

Julien Assange, atualmente vivendo uma espécie de prisão domiciliar na embaixada do Equador em Londres. Acusado de crime sexual na Suécia, - país se de do site - onde duas mulheres moveram processo contra o criador do site Wikileaks. O fato é que se extraditado para a Suécia, o polêmico australiano poderá além de ser preso inicialmente, ser posteriormente extraditado para os Estados Unidos, em que teria que responder às acusações de divulgar documentos secretos da política norte-americana.



Paira sobre toda esta situação jurídica e policial um clima de armação com o fim de levar Assange para

a prisão, nem tanto pela circunstancial confirmação de crime sexual, mas sim para calar a boca de um homem que utilizou a Internet para divulgar documentos secretos de vários governos, inclusive do Brasil, no seu site. Os documentos chegaram a Julien Assange por meio de colaboradores, estes por sua vez, pessoas descontentes com determinada situação em seu país e que tendo acesso aos documentos, os enviaram, tendo a garantia do anonimato no caso de publicação.

Uma eventual prisão de Julien Assange poderia ser parte de um processo para se chegar às pessoas que efetivamente colaboraram com ele. Jacob Appelbaum, um especialista em segurança de computadores, que



trabalhava com Assange no Wikileaks foi interrogado nos Estados Unidos, tendo seu laptop apreendido para averiguação, numa demonstração da mobilização que os serviços de inteligência americano têm com o Wikileaks¹.

Pelo seu trabalho de divulgação de documentos que dizem respeito à natureza real de proposições políticas de vários países, desmascarando falsas intenções e propagandas enganosas, o

¹ Thomas Flanagan, assessor do primeiro-ministro canadense Stephen Harper, numa entrevista à CBC News, recomendou a Barack Obama que oferecesse uma recompensa a quem matasse o fundador do Wikileaks ou que usasse "um *drone* para acabar com ele".

Já o senador republicano Mitch McConnell declarou, durante entrevista no programa *Meet The Press* da NBC: "Acho que esse homem [Assange] é um terrorista *high tech*. Ele causou um enorme dano ao nosso país. E eu penso que ele deva ser processado até que sejam esgotados todos os limites da lei; e se [*esses limites*] forem um problema, é preciso mudar a lei."

trabalho de Julien Assange chegou a ser indicado para o prêmio Nobel da Paz, e tem recebido apoio de várias personalidades no mundo todo para solução de seu problema jurídico.

O poema de Jayro Luna, publicado no site Usina de Letras em 23 de dezembro de 2010, portanto, anterior ao confinamento forçado de Julien Assange na embaixada do Equador, mantém pela forma como está escrito, total atualidade quanto ao tema, como veremos a seguir.

2. Análise Geral do Poema: 1.^a Parte

O poema se abre com três epígrafes, respectivamente, de Augusto dos Anjos (“Sou uma sombra! Venho de outras eras”), Almada Negreiros (“Eu estou na minha sombra e não vou em mim.”) e Bernardo Soares (“Minha alma é uma orquestra oculta”). A escolha não foi fortuita. Augusto dos Anjos, poeta do pré-modernismo brasileiro, notabilizou por uma poesia que utiliza termos científicos e filosóficos em profusão para criar uma atmosfera irônica e crítica acerca da condição humana, numa visão pessimista e mórbida. A afirmação de que “Sou uma Sombra” alude agora, no contexto do poema, aos aspectos do mundo secreto ou submundo dos interesses e tramas políticas. Almada Negreiros, poeta modernista português, cultivou também estudos no âmbito dos estudos esotéricos associados às técnicas de produção artística, como o número de ouro, a divina proporção. Nesta epígrafe, novamente a idéia de “sombra” e a posição política do poeta português quanto à ditadura de Salazar e as questões revolucionárias foram polêmicas; por fim, Bernardo Soares – heterônimo prosador de Fernando Pessoa, autor do *Livro do Desassossego*, alude à questão dos segredos da alma; consideremos ainda, que Bernardo Soares não é uma identidade física ou seja, se conformaria, aqui no contexto do poema às identidades falsas e/ou secretas de agentes espões e congêneres.

O poema se inicia com dois versos que tratam do tema da espionagem internacional: “Meus documentos secretos foram surrupiados / Por um agente secreto”. O poeta diz que seus documentos secretos foram surrupiados, ou seja, se coloca na condição de quem teve os documentos secretos violados, assim, o eu-lírico abre o poema na condição de quem tem documentos secretos. O violador é uma agente secreto, de outra nação? De outra instituição? O verso seguinte coloca uma imagem que cria um sentido metafórico a estes dois versos: “Que se esconde dentro da minha cabeça”. Ou seja, o violador é o próprio poeta, como se ele tivesse ou fosse dotado de mais de uma personalidade, daí a epígrafe de Bernardo Soares.

O local de esconderijo é, pois, um local virtual, psíquico, no inconsciente, que é, por isso mesmo, de difícil acesso.

Nos três versos seguintes que completam a estrofe, o poeta identifica todo o processo de vigilância que este ser escondido em seu inconsciente armou para observá-lo. Aqui um aspecto de profundidade psicanalítica se coloca, o estado de vigília do Ego não escapa à observação contínua do inconsciente:

“O Agente colocou escutas, câmeras, telefones grampeados
Em toda parte da muralha de concreto
Com que escondia minhas idéias avessas...”

A muralha é o arcabouço que dispõe o Ego para proteger-se do inconsciente e, ao mesmo tempo, para confiná-lo.

Na segunda estrofe o poeta denuncia que o Agente Secreto – que estava escondido no inconsciente – ofereceu os segredos obtidos ao Wikileaks, porém, observa que pouca ou nenhuma valia têm para o site de Julien Assange, uma vez que o poeta não é detento de nenhum segredo de espionagem internacional, de política ou de caráter militar, mas apenas são uns segredos pessoais, intransferíveis.

O poeta passa então à ação, a analisar e observar este Agente Secreto, numa atitude de contra-espionagem e nas duas estrofes seguintes nos diz que este Agente Secreto está a serviço da manutenção do *Status Quo*, da ordem social. Neste sentido, embora o agente secreto esteja escondido em seu inconsciente, não é parte dele no que tange à força da libido, nem a punção, nem tampouco quanto à sombra, no sentido junguiano, mas sim, como elemento de um Superego, a vigiar seu comportamento. É a consciência social.

Na estrofe seguinte o poeta apresenta um panorama de seus sentimentos, demonstrando seu estado inerte e impotente diante da ação vigilante deste Agente Secreto:

“Sinto-me pequeno, amorfo, sem profundidade,
Sinto-me perdido, como um estrangeiro no deserto,
Sinto-me sem ter a quem recorrer, denunciar, falar a
verdade...
Sinto-me, enfim, como se tivesse uma bala de canhão
incrustada no peito aberto!”

O último verso apresenta uma forte imagem referindo-se ao estado do poeta análogo a uma vítima de uma ação bélica. Convém aqui lembrar a importância do Wikileaks na apresentação de documentos sobre a guerra do Iraque e à invasão do Afeganistão pelos USA. Aqui termina o que me parece uma primeira parte do poema em que o poeta apresenta seu drama psicanalítico.

3. Análise Geral do Poema: 2.^a Parte

A estância seguinte do poema começa com uma referência à Julien Assange, em que o eu-lírico supõe uma interpelação ao mentor do site Wikileaks. O poeta se compara a Assange e diz que não tem a capacidade ativa de agir contra as ações ditatoriais

e de política escusa como fez o australiano, reconhecendo-se como um “homem-máquina”:

“Meu caro Julien Assange,
Sou um homem-máquina, sigo a corrente,
Quisera eu poder dar a revanche,
Quisera eu poder controlar minha própria mente!”

A afirmação de que o poeta segue a corrente é a confirmação do poder vigilante do Super Ego, este conformado pela ação do Agente Secreto que o vigia, que ordena e que normatiza, impedindo os excessos eventuais e as proposições de modificação de um *status quo*.

Na próxima estrofe o poeta cita a guerra fria, metaforizando-a como analogia de seu estado atual. Os documentos encontrados em posse do Agente Secreto que age em seu interior, foram encontrados e devem ser novamente escondidos, uma vez que a revelação de seu conteúdo de fato não chegou a ocorrer.

A seguir, na penúltima estância do poema, o poeta declara sua admiração por Julien Assange e pelo seu trabalho no Wikileaks.

E que no fundo tem o desejo de que o mais secreto documento seja anunciado, este secreto documento parece ser o mesmo que estava em posse do Agente Secreto. Deste modo cria-se uma contradição, esconder ou revelar, eis o dilema, o conflito interno do poeta.

A última estrofe anuncia que este segredo que guarda o poeta é um segredo comum às pessoas, enfim, à toda humanidade, um segredo que diz sobre a natureza da individualidade cada um e sobre sua espiritualidade. Porém, enquanto o poeta se coloca no dilema da revelação ou não deste segredo, ele também se apresenta como quem conhece seu

conteúdo, que reflete sobre ele, ao passo que a maioria silenciosa, que grande parte das pessoas não tem o conhecimento da existência deste documento interior, figurando-se assim como parte de uma maioria alienada:

“Tenho cá comigo, guardado em meu coração,
Uma cópia desse terrível documento,
É um mapa antigo, muito antigo, de antiga geração...
Neste mapa se acha o caminho, qualquer caminho, todo
caminho de qualquer
[momento
Que vai até o centro de si mesmo,
E os que não sabem ler esse mapa,
Ficam trocando ofensas e tapas,
E ficam caminhando a esmo!”

O poema assim se apresenta como um discurso poético em favor da autoconscientização, da revelação dos instrumentos sócio-psíquicos e sociolinguísticos de controle da opinião pública e da visão de mundo.

4. Alguns Aspectos Microestéticos do Poema

O poema se compõe de 40 versos de medida variável, porém com rimas. São duas estrofes de seis versos, a primeira e a penúltima, cercando seis quadras. E ao final uma estância em oitava que conclui o poema.

As duas estâncias de seis versos têm uma estrutura sonora significativa. Na primeira os sons sibilantes, notadamente os “ss” e também o “c” concreto, oclusivo, velar (/k/):

MeuS doCumentoS SeCretoS foram SurrupiadoS
Por um agente SeCreto

Que Se eSConde dentro da minha CabeÇa...
O Agente ColoCou eSCutas, CâmeraS, telefoneS
grampeadoS
Em toda parte da muralha de ConCreto
Com que eSCondia minhaS idéiaS aveSSaS...

O motivo de tal sonoridade parece-me ressoar o nome de Assange (SS) e do seu site wikileaks (k,k). Por outro lado, o som sibilante simbolicamente representa o pedido de silêncio e por conseguinte a necessidade do segredo ou da ação secreta, ao passo que o oclusivo e velar som de /k/ demonstra o barulho, o choque.

A segunda estrofe de seis versos, que é a penúltima do poema, apresenta uma nova dinâmica nestas sonoridades. O sibilante “s” se transforma no /z/ - fricativo, alveolar, sonoro, confluindo para isto a ocorrência do /j/ também fricativo, alveolar e sonoro e que é a primeira letra do criador do Wikileaks. Assim, o simbólico pedido de silêncio se transforma no zumbido abelhudo que incomoda, que quebra o silêncio. Ao mesmo tempo o /k/ se modifica em som sibilante, demonstrando a ambigüidade, a duplicidade entre o que seja verdade e o que seja mentira. Contribui para esta alteração do panorama o som do “r”, tanto o uvular quanto o alveolar, marcando a fricção, o barulho que quebra o silêncio. De outra sorte o /l/ - lateral aproximante – que está no nome de Julien, surge como elemento pacificador dos conflitos sonoros, por vezes se transformando em semivogal disfarçada (/w/) no final das palavras. Papel semelhante ao /l/ está o som /v/ - fricativa, labiodental:

“AdmiRo o JuLien ASSanGe,
PesquiSo no WiKiLeaKs,
Meu deSeJo é Que um dia Se ReVeLe o tERRÍVeL
SegRedo,

O maiS difíCiL e maiS buSCado, o Que maiS dá medo....
O SegRedo que fLui como o GanGeS...
O SegRedo Que atoRmentaVa RebeLdeS,
ReVoLuCionáRioS, monGeS, [aSCetas e beatniKS...

Nesta imagem sonora destacamos o vocábulo “Revolucionários” que contém os sons R, V, L, C (/R/, /v/, /l/, /s/, /r/, /s/) em que o /k/ se transforma em sibilante num conjunto que inicia com um som de rugido, de motor, mas se harmoniza pacificante pelos sons do “l” e do “v”, de modo que a seguir o “erre” fica um som alveolar, como “l” também é, terminando numa breve sibilância.

O vocábulo “ascetas” é também significativo neste panorama, pois o encontro grafêmico “SC” que na primeira estrofe é sempre um encontro sonoro consonantal (/s/,/k/): esconde, escutas, escondia. E nesta penúltima estrofe busca se firmar em “pesquiso” e “buscado”, se transforma em uma única sibilância “/s/” – ascetas, como a demonstrar as tentativas de forçar o silêncio acerca do trabalho de Julien Assange.

Neste âmbito a anáfora que vai da metade da terceira estrofe para toda a quarta estrofe é reforçadora desta imagem sonora: são seis versos que começam com o verbo “descobrir” conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito: “descobri”.

Assim, o encontro sonoro “SC” que se apresenta como metáfora sonora do pedido de silêncio em conflito com o som oclusivo se apresenta redimensionado no sentido semântico do verbo descobrir.

Noutra estrofe, a quinta, uma quadra também, ocorre a anáfora com “Sinto-me” em que o som sibilante do silêncio agora se confronta com outra oclusiva (/t/) e a anáfora se conclui no pronome “me”, por sua vez, ironicamente, sílaba inicial da

palavra “medo”, palavra que surge no quarto verso da penúltima estrofe: “(...) o que dá mais medo” e também é a sílaba inicial em “mente”, última palavra da sexta estrofe.

Outra anáfora significativa é a que ocorre sétima estrofe, com “Estou” em que o encontro sonoro “ST” reproduz novamente o significado do encontro “SC”, como símbolo sonoro do conflito entre o silêncio e o ruído.

Assim, considero este poema de Jayro Luna como composto de um tecido sonoro significativo que reforça o significado semântico do poema. Um libelo em favor da liberdade e da verdade e principalmente do autoconhecimento e da revelação da natureza dos aparelhos ideológicos que controlam a mente dos indivíduos no mundo contemporâneo.